

Uma leitura sociológica da obra de Soeiro Pereira Gomes: o lugar da escola, as mudanças urbanas, o presente e o futuro. O presente artigo esboça uma leitura sociológica da obra de Soeiro Pereira Gomes, partindo de três ângulos analíticos distintos: o lugar da escola, as mudanças urbanas ocorridas e as leituras do presente e perspectivas de futuro. Ao longo do estudo exploram-se as três dimensões, a partir da (re)leitura da obra do autor, cruzando a sua visão, enquanto retrato de uma época, com a atualidade, de modo a encontrar as pontes e as transformações operadas. A obra de Soeiro Pereira Gomes transcende o campo estético, servindo como um instrumento de crítica e de análise social. Sendo a literatura também uma ferramenta para capturar as transformações estruturais e os impactos subjetivos da modernidade, o autor encarna esse papel ao documentar a vida das populações mais desfavorecidas, analisando as desigualdades estruturais que moldaram as cidades portuguesas à época.

PALAVRAS-CHAVE: neorrealismo; escola; mudanças urbanas; desigualdades sociais.

A sociological reading of the *oeuvre* of Soeiro Pereira Gomes: the role of the school, urban changes, the present, and the future. This article proposes a sociological reading of the *oeuvre* of Soeiro Pereira Gomes, exploring three analytical angles: the role of education, urban transformations, and present and future perspectives. The study methodically examines the author's work, integrating his perspective as a portrait of an era with contemporary insights to identify the bridges and transformations that have occurred since then. The work of Soeiro Pereira Gomes transcends the aesthetic field, serving as an instrument of criticism and social analysis. Since literature is also a tool for capturing the structural transformations and subjective impacts of modernity, the author embodies this role by documenting the lives of the most disadvantaged populations, analyzing the structural inequalities that shaped Portuguese cities at the time.

KEYWORDS: neo-realism; education; urban transformations; social inequalities.

INÊS TAVARES

Uma leitura sociológica da obra de Soeiro Pereira Gomes: o lugar da escola, as mudanças urbanas, o presente e o futuro

INTRODUÇÃO

Como é sabido, a representação do quotidiano assume um papel destacado no neorrealismo (Bezerra e Bezerra, 2023), nomeadamente nas questões da infância, do trabalho ou das transformações sociais e urbanas. O presente artigo surge durante uma apurada re-leitura da obra de Soeiro Pereira Gomes,¹ cruzando a interpretação dos livros *Esteiros*²

1 Soeiro Pereira Gomes nasceu em 1909 em Gestaçô, Baião, aldeia localizada na região de Trás-os-Montes e Alto Douro. Em 1915 muda-se para Coimbra, de forma a estudar no ensino primário. Acaba o curso de regente agrícola em 1928 na Escola Nacional de Agricultura, em Coimbra, e casa-se com Manuela Cândio Reis em 1931, mudando-se o casal para Alhandra, onde Soeiro Pereira Gomes se emprega na Fábrica de Cimento do Tejo. Em 1935 envia o seu primeiro conto (“O capataz”) para o *O Diabo*, que não é publicado. Adere ao Partido Comunista Português (PCP) em 1937, onde integrará o seu Comité Central. Em 1939 começa a publicar crónicas n’*O Diabo* e em 1941 publica *Esteiros*. Em 1944 decorre a greve das fábricas da Cintura Industrial de Lisboa, na qual Soeiro Pereira Gomes participa ativamente enquanto responsável do PCP de Alhandra, o que origina a sua entrada na clandestinidade nesse ano. Também em 1944 começa a escrever *Engrenagem*, que nunca viria a rever. Em 1948 é-lhe detetado um cancro nos brônquios, motivo pelo qual veio a falecer em Lisboa em 1949, após estar internado dois meses no Instituto Português de Oncologia. Tinha planos para outros dois livros – “Companheiros” e “Diário de um foragido” – que nunca chegou a iniciar.

2 O livro *Esteiros*, a primeira e mais emblemática obra de Soeiro Pereira Gomes, é publicado em 1941 e divide-se em quatro capítulos: outono, inverno, primavera e verão, sendo assim marcado sazonalmente pelo trabalho no Telhal Grande, que decorria apenas no verão. Situa-se entre a vivência infantil e juvenil de um grupo de crianças e a situação económica e política de Alhandra que, de certa forma, se consubstancia como um espelho de um país que se começava a industrializar. Com algumas pontes a *Capitães da Areia*, de Jorge Amado, a obra cruza os →

*Engrenagem*³ com a atualidade, tendo como principal suporte o recurso a excertos das obras referidas.

Percorrem-se três temas principais: a) o lugar da escola. Embora a escola se tenha transformado significativamente no decorrer de quase um século, a base ideológica dos discursos hegemónicos sobre ela mantém a sua matriz, fazendo com que algumas das afirmações presentes nos livros em análise estejam ainda hoje difundidas no senso comum, ao ponto de poderem ser utilizadas atualmente, passando despercebida a sua relação com a obra literária; b) as mudanças urbanas, inquestionáveis nestes 80 anos, inclusive porque a obra acompanha o processo de transformação de uma sociedade camponesa para uma sociedade industrial que, numa fase seguinte à sua conclusão, ainda se transformou no sentido da predominância do sector terciário. É ainda importante ressaltar que, situando-se Alhandra na Área Metropolitana de Lisboa, sofreu um *boom* habitacional que, apesar de não ser tão significativo como noutros núcleos territoriais, foi suficiente para transformar consideravelmente a realidade local; c) as leituras do presente e a perspetiva de futuro, tão notória no neorrealismo, onde se verifica um misto de interpretação da época e do que poderia ser o futuro, tentando também cativar o leitor a assumir esse futuro e a ser agente de mudança.

O LUGAR DA ESCOLA

A escola ocupa um lugar central na obra de Soeiro Pereira Gomes, enquanto espaço de tensão entre uma potencial emancipação e a consecutiva desilusão

→ sonhos e desejos das personagens, próprios da sua faixa etária, com a sua condição socioeconómica, que os obriga a serem “homens antes de tempo”, tanto no plano laboral (veem-se obrigados a trabalhar ou a pedir esmola) como no plano sexual (exemplificado na prostituta da feira ou na Doida) ou ainda no plano da alienação (materializado na taberna) (Viçoso, 2011). Todo o livro é marcado por um herói coletivo, as crianças, ainda que dando a cada uma delas a sua própria identidade e a emancipação do “eu”. Assim, embora esteja sempre presente o coletivo, próprio da narrativa neorrealista, conhece-se cada personagem individualmente, com as suas especificidades e sonhos diversos.

3 *Engrenagem*, obra inacabada de Soeiro Pereira Gomes, foi interrompida definitivamente em 1944, ano em que o autor entra na clandestinidade. Publicado em 1951, já após a sua morte, tinha uma nota incumprida: “Para eu corrigir um dia.” *Engrenagem* debruça-se sobre a passagem de uma Alhandra agrícola, dividida em pequenas propriedades camponesas, para uma Alhandra industrializada, em que os camponeses vendem as suas terras a um mesmo proprietário: o dono da fábrica. *Engrenagem* introduz também dois problemas centrais da industrialização: a dependência de um patrão (sobretudo para quem antes era dono das suas terras) e o desemprego evidenciado na sua dedicatória: “Para os trabalhadores sem trabalho – rodas paradas duma engrenagem caduca.”

da reprodução das desigualdades sociais. No contexto do neorrealismo português, a escola é frequentemente representada como um local de oportunidades frustradas, refletindo as contradições da modernidade em Portugal no Estado Novo.

Durante o regime salazarista, a escola, enquanto instrumento de doutrinação ideológica e de controlo social, apresentava um acesso restrito, como se verá de seguida, especialmente para as classes sociais mais desprovidas de capital, perpetuando as desigualdades sociais (Mónica, 1978). As taxas de analfabetismo eram elevadas e a escola era, muitas vezes, inacessível para os filhos de trabalhadores e agricultores, que eram pressionados a ingressar precocemente no mercado de trabalho (Justino, 2024):

— O meu João andava na mesma classe que o menino Artur. Eu fazia ainda uns recados mas depois piorei... Assim, já ele não pode fazer o exame.

— Que mal tem isso? — Dignou-se observar o Sr. Castro — Evidentemente que vossemecê não queria fazer dele um doutor.

Madalena baixou os olhos. Que havia de responder? — O mestre dizia que ele era muito inteligente...

O Sr. Castro pôs-se a falar no excesso de doutores, na falta de braços nos campos e nas oficinas, e em coisas arrevesadas que ela não entendia [...].

— Pois mande o seu filho aprender numa oficina. E, se ele for inteligente como diz, tem o futuro garantido.

— Sim, Sr. Castro. Era até por via disso que eu lhe vinha falar.

— Diga lá, então. (Gomes, 1979 [1941], pp. 29-30)

No excerto deste diálogo, identifica-se o Sr. Castro, uma caricatura do “burguês”, dono das fábricas, e Madalena, uma operária doente, com tuberculose, e com o marido desaparecido. Madalena surge, então, a pedir trabalho para o seu filho, João, que terá de abandonar a escola para ajudar a sustentar financeiramente a família. O Sr. Castro expressa, perante o pedido, um discurso sobre a escola, a universidade e o trabalho no campo. Este diálogo revela, desde logo, a vontade das classes mais favorecidas de desvalorizarem a escola para as classes mais desfavorecidas, de forma a mantê-la enquanto instituição encarregada da reprodução das desigualdades sociais, através da seletividade social subjacente ao insucesso escolar (Bourdieu e Passeron, 1990). Com efeito, não obstante as grandes alterações verificadas no acesso ao ensino com a implementação da “escola de massas” em Portugal (Abrantes e Sebastião, 2010), a prática subjacente a este discurso não se alterou na sua totalidade, uma vez que, embora em menor escala, mantém-se na atualidade uma diferenciação face ao (in)sucesso escolar ou ao acesso ao ensino superior, consoante as classes sociais de origem,

materializando-se numa exclusão da escola à partida e, consequentemente, num maior insucesso escolar dos indivíduos provenientes das classes sociais mais desfavorecidas (Lahire, 2003; Costa, 2012).

Assim, existe uma reprodução social de capitais (Bourdieu, 2010) que conduz a uma mobilidade social relativamente escassa, tornando as classes sociais de origem um fator inequivocamente decisivo para o futuro dos indivíduos e assumindo-se a escola como um mecanismo para manter esta desigualdade, através da exclusão ou da inclusão em setores menos reconhecidos, por via das ideias, valores, gostos ou através dos códigos linguísticos (Bernstein, 1971). Esta tendência torna-se ainda mais evidente quando se analisa o ensino superior, sobre o qual Piketty (2014) afirma que, nos EUA, “o rendimento dos pais tornou-se um indicador de previsão quase perfeito de acesso ou de negação à universidade”.

Na obra de Soeiro Pereira Gomes, embora as classes sociais mais desfavorecidas também valorizem a escola, esta afigura-se como um objetivo inalcançável:

— Gineto: descobri que as estrelas dormem de dia.

— És parvo.

Se bem que escarnecido, Saguí manteve a afirmação. Tinha muita admiração pelo Gineto, que tudo resolvia; mas, naquilo de estrelas, ele não percebia mesmo nada.

— Atão porque é que elas não se veem agora?

Ninguém explicou. O Coca, que tinha pena de não saber ler, ainda disse: — Se eu andasse na escola, sabia.

Dias depois, Saguí fez a mesma pergunta a um aluno da 4.^a classe, e, como o menino se calou também, ficou desde então convencido que as estrelas dormiam de dia. (Gomes, 1979 [1941], p. 42)

Verifica-se uma diferenciação entre quem estudou e quem não o fez, também evidenciada no prestígio social que a universidade confere a quem nela estuda – a ideia do “doutor”, que corresponde a alguém especializado e “mais capaz” do que os restantes. A própria nomeação distinta das personagens transpõe esse prestígio: enquanto a figura proletária é chamada de Madalena, a burguesa é intitulada de Sr. Castro, tendo acesso e direito a um acréscimo ao seu nome.

Pedro, marido de Madalena, defende a escola enquanto mecanismo de mudança, “manda o nosso filho para a escola. Sem instrução, ele será um escravo ou um vadio” (Gomes, 1979 [1941], p. 25). Efetivamente, a leitura de *Esteiros* indicia que a opção é entre ser “escravo ou vadio” e que a mesma se pode dever a nenhum dos jovens ter estudado (os meninos são vadios e os

adultos serão escravos) (Magalhães, 2009). Porém, é pertinente refletir as origens estruturais desta desigualdade, uma vez que tanto o *habitus* (Bourdieu, 2010) como recorrentemente a escolaridade, a propriedade privada ou as funções numa sociedade são transmitidos hereditariamente – “tornam-se hereditárias e são transmitidas como a propriedade e com a propriedade” (Lefebvre, 1974, p. 80).

Se, quando a obra foi escrita, a mobilidade social era mais escassa e a possibilidade de o filho de um agricultor ou de um operário alcançar níveis elevados de escolaridade ou mesmo de ensino superior era bastante reduzida, atualmente o mesmo não sucede. Pela implementação da escolaridade mínima obrigatória até aos 18 anos ou 12 de escolaridade, os ensinos básico e secundário tornaram-se mais acessíveis às diferentes origens sociais e o ensino superior não ficou excluído desta equação. No entanto, quem são os estudantes com maior insucesso escolar? Quem são os jovens que mais dificilmente alcançam níveis de escolaridade mais elevados? Quem são os alunos com as médias de classificações mais elevadas? Sobretudo por via da reprodução do capital cultural, os jovens provenientes de classes sociais com menor volume de capitais (Bourdieu, 2010), não sendo agora excluídos do acesso ao ensino, continuam remetidos a um espaço escolar de maior insucesso ou de médias de classificações mais baixas (Tavares, 2024), evidenciando-se, portanto, a reprodução social por via da escola.

A personagem do grupo que personifica as representações da escola para as crianças que nunca puderam estudar é o Gaitinhas. Gaitinhas, o João, que quando abandona a escola passa a ser tratado – inclusive pelo narrador – por Gaitinhas, uma vez que passa a ser uma criança igual às crianças de rua e as crianças de rua usam alcunhas – “alcunha a sinalizar o seu novo estatuto social” (Viçoso, 2011, p. 189). Gaitinhas tem acesso a um prestígio social dentro do grupo por ser o mais letrado – é quem faz as contas, quem reparte as esmolas e os lucros das vendas. Assim se compreende que as classes mais desprovidas de capitais tendam a atribuir maior prestígio à escola, onde não se conseguiram manter, mas admiram e criam sonhos ao redor de quem o fez ou do que poderia ter sido o seu futuro se a tivessem alcançado. A ideia da escola como um sonho inalcançável, que poderia tirar os jovens da pobreza e premiá-los com a tão sonhada mobilidade social, atravessa o imaginário das classes mais desfavorecidas, que, sendo excluídas dela, lhe atribuem o poder de mudança da sua condição social. Deste modo, Soeiro Pereira Gomes aponta a escola enquanto como uma instituição que sistematicamente falha na sua promessa de emancipação, perpetuando as desigualdades e a exclusão social (Reis, 1983).

“E quando o encontrar, virá então dar a liberdade ao Gineto e mandar para a escola aquela malta dos telhais – moços que parecem homens e nunca foram

meninos” (Gomes, 1979 [1941], p. 200). É assim que termina o livro *Esteiros*, com a índole esperançosa característica do neorrealismo – fenómeno que se irá explorar mais adiante –, vincando a importância conferida à escola, símbolo do que poderia ser uma alavanca social. Contudo, a sua concretização não está ao dispor de nenhuma destas crianças, transformando-se num sonho diluído e distante.

O número de matriculados no ensino superior em Portugal tem vindo progressivamente a aumentar nos últimos anos. Simultaneamente, o discurso de algumas elites relativamente ao excesso de licenciados mantém-se, embora, em comparação com os restantes países europeus, Portugal apresente taxas de detentores de diplomas do ensino superior inferiores à média europeia (OECD, 2024). Compreendendo que a estatística sobre a matéria desmente o discurso dominante, importa saber o porquê de este discurso estar tão presente no senso comum, por um lado, e, por outro, no discurso das elites. O senso comum poderá expressar estas opiniões devido a uma visão pouco fundamentada, centrada na perceção de que atualmente há maior desemprego entre os licenciados (pelo menos através da sua experiência), maior precariedade e salários mais reduzidos, devido a uma precarização generalizada entre os mais jovens e ao aumento de licenciados que “competem no mercado de trabalho”. Por outro lado, esta é das versões mais mediatizadas e repetidas pelos *media*, o que poderá levar a uma maior absorção pelo senso comum.

Partindo do pressuposto de que os *media* possuem dados empíricos que desmentem o senso comum, a manutenção deste discurso prende-se sobretudo com uma visão ideológica: quanto mais esta narrativa for difundida e assimilada, mais se torna aceite. E quanto mais for aceite e incorporada, mais se corrobora a reprodução social através da escola e menos mobilidade ascendente se verificará, materializando-se a escola num instrumento de hegemonia cultural (Gramsci, 1971). Eça de Queirós descreve esta perspetiva em *O Conde d'Abranhos* (2002, pp. 41-42) de forma particularmente esclarecedora:

A primeira vantagem da Universidade, como instituição social, é a separação que se forma naturalmente entre estudantes e futricas [nome atribuído aos habitantes de Coimbra que não estudam], entre os que apenas vivem de revolver ideias ou teorias e aqueles que vivem do trabalho. Assim, o estudante fica para sempre penetrado desta grande ideia social: que há duas classes – uma que sabe, outra que produz. A primeira, naturalmente, sendo o cérebro, governa; a segunda, sendo a mão, opera, e veste, calça, nutre e paga a primeira.

Dois mundos – como diz o nosso poeta Gavião – que se não podem confundir e que, vivendo à parte, com fins diferentes, caminham paralelamente na civilização, um com o título egrégio de Bacharel, outro com o nome emblemático de Futrica. Bacharéis são os políticos, os oradores, os poetas, e, por adopção tácita, os capitalistas, os banqueiros, os

altos negociadores. Futricas são os carpinteiros, os trolhas, os cigarreiros, os alfaiates... O Bacharel, tendo a consciência da sua superioridade intelectual, da autoridade que ela lhe confere, dispõe do mundo; ao Futrica resta produzir, pagar para que o Bacharel possa viver, e rezar ao Ser Divino para que proteja o Bacharel.

O Bacharel, sendo o Espírito, deve impedir que o Futrica, que é apenas a Matéria, aspire a viver como ele, a pensar como ele, e, sobretudo, a governar como ele. Deve mantê-lo portanto no seu trabalho subalterno, que é o seu destino providencial. E isto porque um sabe e o outro ignora.

Esta ideia de divisão em duas classes é salutar, porque assim, educados nela, os que saem da Universidade não correm o perigo de serem contaminados pela ideia contrária – ideia absurda, ateia, destruidora da harmonia universal – de que o Futrica pode saber tanto como sabe o Bacharel. Não, não pode: logo as inteligências são desiguais, e assim fica destruído esse princípio pernicioso da igualdade das inteligências, base funesta de um socialismo perverso.

A escola enquanto instituição enquadradora e reprodutora de uma sociedade de classes assimétricas não é novidade para as ciências sociais, tendo a sociologia clássica abordado largamente a temática, sobretudo com Marx⁴ e Weber,⁵ mas também com Durkheim (1984), através da divisão social do trabalho. Efetivamente, as principais correntes teóricas clássicas acerca desta problemática fundam-se com estes autores: as teorias das classes sociais, com uma matriz teórica marxista, e as teorias da estratificação social, influenciadas

4 A teoria marxista conceptualizou as classes sociais, a luta de classes e a produção capitalista (Marx, 1991; 2007; Marx e Engels, 2008), começando pela abordagem à organização das sociedades: se num sistema feudal ou escravagista a força de trabalho era coagida, enquadrada num quadro institucional que o legitimava, resultando na exploração sobre os trabalhadores e no enriquecimento de uns sobre o trabalho de outros, como explicar que num sistema económico de mercado, no qual não existe a mesma disposição legal de força coerciva institucionalizada, se continue a verificar o enriquecimento de uma pequena parte da população, enquanto a grande maioria se mantém a empobrecer. Assim são conceptualizados o valor e a exploração, analisando-se o modo como a concentração privada dos meios de produção por parte de uma classe social privilegiada – a burguesia – permite a acumulação de mais-valia, sendo esta expropriada à classe trabalhadora – o proletariado. Seria, portanto, necessário socializar os meios de produção, de forma a acabar com a exploração capitalista.

5 A teoria weberiana funda as teorias da estratificação social, centrando-se em três eixos principais: classe, *status* e partido. A classe respeita ao domínio da economia, o *status* ao da sociedade e o partido ao da política, três dimensões de desigualdades específicas (Weber, 1992). Na análise de Weber, a mobilidade social e o crescimento das classes médias são centrais, uma vez que o mérito individual ou as qualificações, na perspetiva do autor, são decisivas para uma potencial mobilidade social, numa sociedade dividida entre classes positivamente privilegiadas, classes médias e classes negativamente privilegiadas.

pelo contributo de Weber. Embora conceptual e interpretativamente distintas, e em Marx de modo mais evidente, mas também em Weber, é evidenciada a relevância dos fatores materiais, em estreita ligação com o surgimento e aprofundamento do capitalismo, o que desencadeia desigualdades, nomeadamente de poder (Marx, 1991; Weber, 1992; Wesolowski, 1977; Parkin, 2002; Almeida, 1984; Costa, 2012).

Bourdieu (2010) conceptualiza o *habitus*, crucial para a análise das classes sociais e, em particular, para a análise da reprodução das classes sociais por via da escola, avançando uma perspetiva analítica de estruturalismo construtivista ou construtivismo estruturalista, ancorada nas teorias da reprodução e na distinção como estilo de vida: o *habitus* coloca a tónica da reprodução das classes sociais no carácter multidimensional das desigualdades. Sendo a reprodução e as desigualdades sociais afetadas por diversas dimensões, a do capital cultural assume singular destaque quando se analisa a relevância da escola na reprodução social, perspetiva latente tanto no trecho citado anteriormente de Eça de Queirós como ao longo da obra de Soeiro Pereira Gomes.

Os dados mais recentes do *World Inequality Report* (Chancel et al., 2022) indiciam que a classe social de origem está novamente a tornar-se no principal preditor das desigualdades sociais, em contraponto com o lugar do globo em que se nasce (Milanovic, 2016), fenómeno que se verificava no final do século XIX e ao longo de parte do século XX, o que poderá indicar uma aproximação estrutural não a todos os fenómenos destacados na obra de Soeiro Pereira Gomes, evidentemente, mas a parte das suas consequências, nomeadamente as afetas à reprodução das desigualdades e à centralidade da classe social enquanto motor de desigualdade.

AS MUDANÇAS URBANAS

Na obra de Soeiro Pereira Gomes é possível capturar as transformações urbanas dos últimos quase 100 anos, ocorridas entre 1930 e a atualidade, no concelho de Vila Franca de Xira, com particular detalhe. Desde os anos 30 que Portugal vivenciou um crescimento urbano associado à industrialização, processo marcado pelas migrações internas dos trabalhadores rurais para os centros urbanos e industriais, criando bairros periféricos, muitas vezes precários (Reis, 1983). Estas tendências evidenciavam um dualismo em evolução (Nunes, 1964), que contrapunha a modernização e o crescimento demográfico das áreas mais industrializadas ao país rural interior, estagnado economicamente e em queda demográfica, também em resultado das migrações internas. O concelho de Vila Franca de Xira encontra-se na fronteira desta dualidade, uma vez que contrapõe a sua proximidade a Lisboa e a forte industrialização

a que foi remetido a uma ruralidade que abrange parte do concelho, além de se situar já no limite da Área Metropolitana de Lisboa. Este dualismo, que embora com novas roupagens ainda se encontra em análises mais recentes (Carmo, 2023), é abordado na obra de Soeiro Pereira Gomes, ao narrar a evolução de um território marcadamente rural e agrícola para outro industrial.

Soeiro Pereira Gomes reflete essa realidade tanto ao detalhar a paisagem urbana, que permite “reconstruir” o cenário e compreender que alterações foram imputadas ao lugar, como ao explorar os jovens operários que viviam em condições de extrema pobreza e marginalização, compreendendo-se as transformações urbanas operadas também devido à industrialização e parte das suas consequências.

Subia a ladeira, à procura de sol e horizontes. E de todas as vezes, seus olhos aventureiros descobriam novos mundos.

A seus pés, as casas da vila, atarracadas, manchadas de branco, pareciam brinquedos. Aqui e além, uma moradia de empena alta dominava o burgo, servia de esteio às outras casas. [...] Ia pelo espaço além, atravessar o rio espreguiçado sobre a lezíria como cobra monstruosa. [...] Gaitinhas gostava também de perscrutar o povoado, quando o Sol se desfazia em cores, atrás dos cerros. Era a hora em que as sombras do seu beco passeavam nas ruas com as sombras que saíam das fábricas. As pombas formavam nuvens, perdiam-se nas nuvens. E as roupas pendentes das janelas eram bandeiras de paz. (Gomes, 1979 [1941], pp. 31-32)

Através deste excerto visualiza-se uma vila cercada por montes (provavelmente, o que hoje corresponde a S. João dos Montes) e pela lezíria do Tejo, características naturais que se mantêm inalteráveis. Porém, tudo o resto parece diferente: continua a existir um amontoado de casas mas longe de serem uniformemente brancas, visto que com o *boom* de construção que Alhandra (e o restante concelho, de forma ainda mais intensa) sofreu, o planeamento urbano ficou difuso e pouco coerente. Efetivamente, esta descrição, excetuando a lezíria, seria hoje mais adaptável a Alfama, quando vista da Graça, do que a Alhandra, o que demonstra como, enquanto as descrições espaciais são mutáveis consoante a experiência de quem as lê e interpreta, por sua vez o urbanismo tem diferentes dimensões. No entanto, também devido às influências culturais e históricas, as diferenças entre cidades vizinhas não se afiguram de forma bilateralmente oposta.

A Feira era no fim da vila, rente à estrada. Três ruas ladeadas por barracas de seralpilheira e pano cru; num topo o circo, noutro a praça de Toiros. [...] O Sol, indiscreto, desnudava a fealdade das barracas e a desarmonia gritante daquele amontoado de miséria. (Gomes, 1979 [1941], p. 33)

Uma alteração significativa no ordenamento urbano de Alhandra prende-se com as melhores infraestruturas que atualmente possui, indissociáveis de uma diferente conceção do direito a habitação digna e de materiais mais evoluídos, fruto também da construção do Estado social (Carmo e Barata, 2014). Assim, a paisagem já não é pautada por barracas nem por uma miséria aguda.

Entre *Esteiros* e *Engrenagem*, que analisam fenómenos distintos, existem mutações urbanas interessantes de verificar, como a criação de caminhos-de-ferro ou o peso da industrialização e a afirmação da fábrica como centro, não só económico mas também paisagístico:

Certa tarde, Chibarro subiu o aterro da mina até ao cume. Chegara, enfim, a véspera da partida. Sentou-se na soleira do moinho solitário, circunvagou a vista pelo vale. Em baixo, a aldeia era amontoado de casas denegridas, sobre as quais o aterro parecia resvalar. Piteiras agressivas bordejavam veredas e barrancos; reluziam ao sol os carris do ramal; postes de fios demarcavam a estrada poeirenta, que se perdia, ao longe, entre cabeços. E da fábrica, onde os homens se moviam como sombras, nuvens de fumo alastravam pelo espaço, que um ruído cavo estremecia. (Gomes, 1979 [1941], p. 325)

A fábrica e consequente poluição assumem a transformação urbana, como os postes de fios e os carris que complementavam a indústria. Sobre este aspeto, Pina (1977, p. 52) explora a ideia de Soeiro Pereira Gomes como um autor de reconhecimento, nomeadamente reconhecimento das condições em que se vivia, quase como um etnógrafo: “De apropriação do real ribatejano, dos homens e da terra em que vivem, das causas da sua miséria e abandono e de auto-compreensão face a esse real.”

As fábricas e os bairros operários representam os principais espaços urbanos, caracterizados pela opressão, pela pobreza e pela precariedade. Esses são lugares passíveis de serem entendidos como “espaços de produção” no sentido de Lefebvre (1991), onde o controlo do capital redefine as dinâmicas espaciais e sociais.

De facto, a transposição da agricultura para a indústria torna-se central não só na organização económica, como também social e territorial. A fábrica assume uma centralidade total e as suas sucessivas paralisações por falta de matéria-prima revelam consequências imediatas para toda a vila. Simultaneamente, a fábrica tanto alicia migrações para Alhandra em busca de trabalho como, quando encerra, estimula a saída das populações do território, em busca de trabalho, uma vez que se passa a materializar um “corpo morto” e o seu terreno, antes utilizado para agricultura, deixa de servir qualquer função, pois está agora ocupado por edifícios em que anteriormente os habitantes depositaram todas as suas esperanças, no trabalho e no progresso. Ainda assim,

a fábrica continua hoje a ser o centro paisagístico de Alhandra, embora sem a poluição com que Soeiro a caracteriza.

A narrativa das obras contrasta o campo, associado a uma vida comunitária mais harmoniosa, com a cidade, que simboliza a alienação e a desagregação social, sendo merecedora de destaque a transição do espaço rural para o urbano como um processo de mercantilização da vida quotidiana (Lefebvre, 2012), não só através do processo como ele é operado, representado sobretudo em *Engrenagem*, como no confronto entre as duas realidades. O crescimento ou surgimento das cidades é narrado como resultado da concentração de capital e da exploração da força de trabalho (Marx, 1991), sobretudo as cidades e bairros periféricos, que refletem a segregação económica e social, refletindo a relação entre desigualdades e territórios (Tavares e Carmo, 2026). Ao longo da obra, o direito à cidade parece estar ausente para os trabalhadores, que vivem em condições de exclusão espacial e social, numa lógica de urbanização que reflete a disputa pelo controlo do espaço urbano (Lefebvre, 2012) que, tendo sempre existido, se agudizou com a industrialização das cidades.

LEITURAS DO PRESENTE E VISÕES DE FUTURO

O presente é retratado por Soeiro Pereira Gomes como um tempo de exploração e alienação, refletindo as condições precárias vividas pelos protagonistas e a exclusão social de que eram alvo, resultante de um capitalismo industrial em crescimento. O autor descreve a vida dos trabalhadores, marcada por um ciclo de pobreza e de exploração, onde o presente parece inevitável, recordando o conceito de alienação estrutural proposto por Lukács (1967).

Também nas questões relativas ao desemprego se encontra a ideia de que é necessário aceitar tudo pois a alternativa é não ter acesso a nada. Há sempre uma dicotomia presente em *Esteiros* e *Engrenagem*, que atravessa as obras: a conformação, presente no discurso de aceitação, e a confrontação, por via da ideia de que as pessoas são donas do seu destino: “Os homens conformaram-se. A sombra do desemprego pairava no ar, sobre as casas” (Gomes, 1979 [1951], p. 346).

Em *Engrenagem*, o final torna-se clarificador do discurso que, para o autor, deve ponderar:

— Aqui não há que comer. Vamos à vila. O regedor Lázudo foi-se embora? Pois então o administrador que nos atenda. Se não, assaltaremos a loja do Borges, que enriqueceu à nossa custa.

Alterou mais a voz: — Camaradas! Vamos todos, com as mulheres e os filhos. Unidos, somos uma força...

— À vila! À vila! — vociferou a multidão, irrequieta e volúvel como as ondas do mar.
(Gomes, 1979 [1951], p. 368)

Apesar das desigualdades sociais apontadas, Soeiro Pereira Gomes insere elementos de solidariedade e resistência coletiva. O presente, embora sombrio, é também para o autor um espaço de formação de consciência de classe contra-hegemónica.

Através da cela, ouve tropel de cavalos e alarido de muito povo, a encurtar em sussurro distante, confuso, de música e tiros e vozes... É a feira. [...] Encosta a face às grades, espera o regresso à vida livre.

Uma voz canta, mesmo por baixo da janela, uma canção que ele ouviu, certa tarde, no alto do Mirante. Ele grita:

— Gaitinhas! ‘Tou aqui, Gaitinhas!

Mas a voz afasta-se. Gaitinhas-cantor vai com Sagui correr os caminhos do mundo, à procura do pai. E quando o encontrar, virá então dar a liberdade ao Gineto e mandar para a escola aquela malta dos telhais – moços que parecem homens e nunca foram meninos.
(Gomes, 1979 [1941], pp. 199-200)

Esteiros termina tal como começou: na mesma estação do ano e no mesmo local, a feira. A feira afigura-se para as crianças como o momento de maior entusiasmo e diversão, sendo lá que gastam o pouco dinheiro que tardou um verão a amealhar. Este final é talvez o momento em que o autor vinca de modo mais transparente a ideia de esperança em todo o livro, de modo a revoltar o leitor com o que leu mas semeando uma esperança sobre o que poderá acontecer (e o próprio fazer) de futuro, característica típica da corrente neorrealista em que Soeiro Pereira Gomes se insere. O conceito de utopia deixa de ser apenas um sonho distante e difuso, transformando-se num horizonte possível que orienta as ações do presente, exemplificado na busca de uma “utopia concreta” (Bloch, 1995), na qual o futuro é moldado pela ação coletiva.

Esteiros acaba com Gineto preso, contudo na esperança de alcançar a liberdade, traçando, eventualmente, um paralelismo com os muitos presos políticos que, para o autor, estavam encarcerados pelo mesmo motivo que Gineto: a esperança num futuro diferente e uma noção de injustiça face à fome e à desigual distribuição de recursos. Por outro lado, a partida para a aventura de Gaitinhas e de Sagui, para “correr os caminhos do mundo”, explora também ela uma ideia de esperança, com uma possível conexão revolucionária, sempre direcionada para um futuro com mundos por descobrir e com uma ideia de vida melhor, como remete o ideal de “partir à aventura”. Por fim, a intenção de “mandar para a escola a malta dos telhais”, levantando uma vez mais uma

centelha esperançosa de futuro, onde também aquelas crianças poderão estudar e ter direito à infância.

Soeiro Pereira Gomes dedica *Esteiros* “aos filhos dos homens que nunca foram meninos”. Não dedica a obra aos homens que nunca foram meninos, sobre os quais trata o livro, mas sim aos seus filhos, num olhar sobre o futuro, eventualmente na esperança de que os filhos destas crianças pudessem ter direito a uma infância que eles não tiveram e já não poderão ter.

Embora o herói das obras seja sempre o coletivo, algumas personagens possuem características próprias que as emancipa da história e, nalguns casos, são personagens-tipo de um pensamento, de uma geração ou de uma época. Em *Esteiros*, é o caso de Maquineta, uma criança que tinha como grande sonho trabalhar na Fábrica Grande com as máquinas, pelas quais nutria um grande fascínio: “— Quando eu trabalhar com as máquinas... E de tanto falar em máquinas, chamaram-lhe Maquineta” (Gomes, 1979 [1941], p. 28). Sonhava, assim, no acesso a um fato-macaco de ganga e em ser operário fabril, o que além de revelar uma identidade própria de uma geração operária que se seguiu à futura industrialização do país, que na altura dava os primeiros passos, demonstra os horizontes a que a população mais desfavorecida era submetida. Uma personagem semelhante surge em *Engrenagem*, Fariseu, fascinado pelas máquinas da fábrica, embora este já na condição de operário: “Aos seus ouvidos, o coro roufenho dos motores era sinfonia maviosa de sons. Só ele amava as máquinas com o prazer quase físico dum macho” (Gomes, 1979 [1951], p. 296).

Gineto, por seu lado, assume o papel de “chefe da quadrilha” e, consequentemente, de herói individual. Sendo o mais corajoso e mais experiente na vida de rua, o “símbolo por excelência da rebeldia” (Viçoso, 2011), é também o mais temido entre as crianças por as assaltar frequentemente, o que o leva simultaneamente a ser o mais excluído (e a sentir essa exclusão – “Amigos, tinha-os às vezes nos companheiros que precisavam da sua mão certa para matar galinhas à solta ou colher frutos em pomares recatados. Fora disso, era mesmo um gineto escurraçado” (Gomes, 1979 [1941], p. 23). Contudo, ao longo da obra percebe-se que esta exclusão se deve à falta de generosidade dos restantes personagens e à sua condição social, pois quando Gineto não é tratado com medo, mas com afeto, este retribui: “— Queria que eu fosse doutor. A voz de Gaitinhas era de lágrimas cristalizadas e Gineto teve pena que ser doutor não fosse coisa que se roubasse” (Gomes, 1979 [1941], p. 47).

Em *Engrenagem*, Fariseu assume o papel de herói individual, embora esporadicamente sejam outras personagens a assumir essa identidade. A tónica do herói coletivo deixa de ser a do “aventureiro” ou do “rebelde” e passa a ser a do líder para uma libertação da exploração: “Voltava a ser o guia dos

operários; reencontrava-se. «Unidos, somos uma força invencível.» (Gomes, 1979 [1951], p. 353).

Compreende-se a incitação clara ao leitor para uma revolta, curiosamente em *Esteiros* ditada por uma personagem secundária e que ao longo de toda a obra não aparenta ser dotada de qualquer consciência política. Eventualmente, esta é também uma forma de o autor transparecer que a consciência da mudança pode estar presente em todas as personagens, ou que as personagens podem transmutar-se para alcançar essa vontade:

Mas susteve logo a censura. Também ele, quando estudante, concebera grandes planos, defendera princípios. “A vida é a luta pelo ideal...” “A medicina deve ser um sacerdócio...” Depois o ideal foi a luta pela vida própria, naquela terra provinciana de gente humilde, e os planos ficaram pregados na porta do consultório, tabelados pelos colegas.

— É o destino... — limitou-se a acrescentar.

Madalena cerrou os lábios. Bem sabia ela que o destino era a vontade dos homens. (Gomes, 1979 [1941], p. 66)

O mesmo se passa em *Engrenagem*, quando Robalo afirma “— Ora. Cada qual é senhor de si mesmo, dizia o meu vizinho de cama do hospital. O que há de mais são chefes” (Gomes, 1979 [1951], p. 304). É de ressaltar que este argumento se apresenta como resposta à crítica formulada por Fariseu de que Amaro estaria a tentar namorar com Gracinda, irmã de Robalo, depois de este ter afirmado:

— Quanto ao Amaro, a minha irmã já tem idade para escolher namoro.

— Pois sim; mas tu és o chefe da família. (Gomes, 1979 [1951], p. 304)

Além da ideia de libertação face aos chefes e de emancipação individual, emerge aqui a ideia de emancipação da mulher, enquanto pessoas sem donos, com juízos de valores e decisões próprias, sem estarem subjugadas a um homem, o dito “chefe de família”. Simultaneamente, tal surge enquadrado numa reflexão quase sociológica, uma vez que em todo o livro o juízo acerca do papel da mulher é diferente (reproduzindo o senso comum da época) e é quando se introduz a opinião de um personagem politizado que o autor aborda a emancipação feminina.

Soeiro Pereira Gomes trata a industrialização de modo particularmente interessante.

Lá em baixo, porém, os operários brandiam as varas requeimados na ponta, cada vez mais curtas, reprimiam tosses e blasfêmias. Silhuetas negras que avançavam e fugiam, ora

de braços ao alto, ora encurvadas, numa dança macabra do fogo e do trabalho, ao som de máquinas. De caras transfiguradas pelo clarão vermelho do braseiro, roupas numa rodilha, chamuscadas, já não pareciam homens, mas autómatos. E a gusa solidificava nos canais paralelos. E o calor subia pelos corpos, mais e mais... (Gomes, 1979 [1951]: 298)

Engrenagem passa-se durante a II Guerra Mundial, que, embora apareça distante e incompreensível à maioria das personagens, é também parte da justificação para a fome e a miséria da época (associada à racionalização de bens) e, sobretudo, a razão para a paralisação da indústria, devido à falta de matérias-primas.

— Foi a França que se rendeu. Ouviu-se agora — explicou Amaro, em desculpa, ao taberneiro. [...]

— Aquela gente teve razão. Eu fui estúpido, pois em vez de lutar, bebo de mais. Mas amanhã vou-me oferecer para combatente. [...]

A sua voz era calma como a noite outonal que os envolvia. Ao Fariseu, parecia a voz do Camarada, no Alentejo. Durante algum tempo, falou nos antagonismos económicos dos povos e no arame farpado das fronteiras, contra o qual se ferem e rasgam bandeiras brancas de paz, mãos fraternais, peitos generosos dos soldados. E Fariseu, ouvindo-o, compreendeu as origens desta guerra.

Dias depois, René despediu-se e abalou, como afirmara. (Gomes, 1979 [1951], pp. 340-341)

Enquanto Portugal, para o senso comum, se mantinha “neutro” na guerra, França não, afetando toda a narrativa, uma vez que a fábrica era propriedade e gerida por franceses. Assim, quando França é ocupada, os franceses regressam ao seu país e deixam a fábrica ao abandono, também devido à escassez de matérias-primas que a guerra provocara:

— O mal não é da fábrica, mas da guerra, que consome as matérias-primas e o carvão — objectou Fariseu. E os culpados são os comilões do mundo, que fazem as guerras e a fome. (Gomes, 1979 [1951], p. 365)

A II Guerra Mundial e a rendição francesa servem de pretexto para introduzir, uma vez mais, o “Camarada”, uma personagem idolatrada por Fariseu mas que nunca aparece, excetuando nas memórias. O “Camarada” consolida-se como alguém que poderia solucionar os problemas dos trabalhadores, que sabe sempre o que dizer e o que fazer, que tem um jornal clandestino consigo. Deste modo, o “Camarada” transforma-se num herói oculto e, de certa forma, latente, mas que inspira Fariseu a assumir um lugar, na perspectiva não de herói

da multidão mas de incentivador dos trabalhadores, não tão eloquente mas com a força de quem necessita urgentemente da mudança.

Em *Engrenagem* surgem algumas referências a um jornal clandestino revolucionário, presumivelmente o *Avante!*, que incentivava os trabalhadores a organizarem-se – “De repente, estremeceu. Na berma da estrada, viu espalhados alguns papéis, que pareciam o jornal clandestino, desfeito há muito tempo na fundura do bolso. Apanhou um, que não estava molhado pela chuva, «Operários e camponeses! À luta, por mais pão e trabalho... Unidos e firmes...»” (Gomes, 1979 [1951], p. 366) –, que Soeiro Pereira Gomes refere, possivelmente, para difundir a existência do jornal, que naquela região era, à altura, largamente distribuído: “Entre 1933 e 1934 foram distribuídos entre Sacavém e Alenquer cerca de 450 jornais clandestinos, recorda Dias Lourenço” (Neves, 2010, p. 249).

Outro aspeto a reter é a ideia de coletivo, presente ao longo de ambas as obras, como se pode constatar nesta passagem, “a vida inteira parecia depender duma só vida” (Gomes, 1979 [1951], p. 349), na qual um operário está preso pelo carvão e os restantes assistem-no na tentativa de o salvar. Tendo presente a inerente questão política, é muitas vezes relacionada com as velhas máximas marxistas, “Proletários de todo o mundo, uni-vos” por “uma terra sem amos”, presença não só implícita como também explícita nas obras, sobretudo em *Engrenagem*, como o excerto anterior exemplificou.

O retrato do desespero com que as pessoas viviam espelha a dramática situação económico-social que a população enfrentava:

— Mas tu tens pensão de seguro. Quanto recebes? — quis saber Chico Moleiro.

— Vinte e nove mil réis por mês. Uma fortuna...

O outro ficou calado, a refletir. “Dez tostões por dia, de pensão, eram dois copos de vinho para sempre.” Deu um estalo com a língua, satisfeito. “E dois terços da féria, enquanto doente, já remediaria por uns tempos.” Nessa semana, quando um vagão entrava no ramal, Chico Moleiro agarrou num calço para o suster. “É agora” – decidiu-se. Em defesa instintiva, os músculos da perna contraíram-se-lhe. “O pé, não; antes um dedo da mão esquerda.” Porém, a roda brutal aterrorizava, e o vagão ia avançando devagar. [...]

Então ele estendeu o dedo no carril e logo soltou um grito de dor estreme, no mesmo instante em que retirava a mão ensanguentada. (Gomes, 1979 [1951], pp. 351-352)

Havia quem, na percepção do autor, optasse por cortar um dedo em troca de uma pensão de invalidez, por mais baixa que fosse.

ALGUMAS NOTAS CONCLUSIVAS

A obra de Soeiro Pereira Gomes transcende o campo estético, servindo como um instrumento de crítica e análise social. Sendo a literatura também uma ferramenta para capturar as transformações estruturais e os impactos subjetivos da modernidade (Williams, 1973), Soeiro Pereira Gomes encarna esse papel ao documentar a vida das populações mais desfavorecidas, analisando as desigualdades estruturais que moldaram as vilas portuguesas à época.

A segregação territorial ilustrada na obra de Soeiro Pereira Gomes, mas também a desigualdade perante a escola e as desigualdades face ao presente e ao futuro, podem ser sumarizadas na ideia de como a detenção de diferentes capitais, na conceção de Bourdieu (2010), determina o acesso ao espaço urbano ou à escola. A maioria das personagens criadas por Soeiro Pereira Gomes incorporam, portanto, exemplos de indivíduos sem os capitais necessários para fugir da exploração e da pobreza, mantendo-se numa estagnação e reprodução social ainda mais persistente à época. A educação surge como pilar fundamental para o futuro, uma vez que, contrariamente ao período retratado, no qual a escola era inacessível ou limitada, o futuro é imaginado como um tempo em que a educação será universal e emancipatória.

O retrato de juventude patente na obra, sobre os “homens que nunca foram meninos”, não corresponde à atualidade. Se os primeiros nunca tiveram o direito a “ser jovens” e não lhes foi dado esse atributo, atualmente esse mesmo atributo estende-se até uma idade tardia (a maioria dos estudos consideram a população jovem até aos 29 anos, embora existam outros estudos que delimitam a juventude mais tardiamente, nomeadamente nos 34 anos). Assim, parece haver um reverter de fenómenos, embora a justificação para ambos os cenários seja a mesma. Se os homens nunca foram meninos pela ausência do direito à infância e a imposição do trabalho desde muito cedo, os jovens atualmente não deixam de o ser até tardiamente porque vivem em condições de precariedade que não lhes permite acesso a um trabalho estável, um salário digno ou emancipação de casa dos pais. Assim, o que impediu uns de serem jovens é, em parte, o que obriga outros a sê-lo: a precariedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRANTES, P., SEBASTIÃO, J. (2010), “Portões que se abrem e se fecham. Processos de inclusão e de segregação nas escolas públicas portuguesas”. In A. Dornelas, L. Oliveira, L. Veloso, M. Guerreiro (eds.), *Portugal Invisível*, Lisboa, Mundos Sociais.
- ALMEIDA, J.F. (1984), “Temas e conceitos nas teorias da estratificação social”. *Análise Social*, XX (81-82), pp. 167-190.
- BERNSTEIN, B. (1971), *Class, Codes and Control, Theoretical Studies Towards a Sociology of Language*, vol. 1, Londres, Routledge.
- BEZERRA, A. C., BEZERRA, M. T.M. (2023), “A representação da infância em contos de Soeiro Pereira Gomes e Manuel da Fonseca: a década de 1940”. *EntreLetras*, 14 (1), pp. 331-349. <https://doi.org/10.20873/uft2179-3948.2023v14n1p331-349>.
- BLOCH, E. (1995 [1954]), *The Principle of Hope*, Cambridge, MA: The MIT Press.
- BOURDIEU, P. (2010 [1979]), *A Distinção. Uma Crítica Social da Faculdade do Juízo*, Coimbra, Edições 70.
- BOURDIEU, P., Passeron, J.-C. (1990), *Reproduction in Education, Society and Culture*, Thousand Oaks, CA, Sage Publications.
- CARMO, R.M. (2023), “Portugal: sociedade ainda dualista, mas numa encruzilhada existencial”. *Análise Social*, LVIII (249), pp. 704-721.
- CARMO, R.M., BARATA, A. (2014), *Estado Social: De Todos para Todos*, Lisboa, Tinta-da-china.
- CHANCEL, L., PIKETTY, T., SAEZ, E., ZUCMAN, G. (2022), *World Inequality Report 2022*, Paris, World Inequality Lab.
- COSTA, A.F. (2012), *Desigualdades Sociais Contemporâneas*, Lisboa, Mundos Sociais.
- DURKHEIM, E. (1984 [1893]), *A Divisão do Trabalho Social*, Lisboa, Presença.
- GOMES, S.P. (1979), *Obra Completa*, Lisboa, Caminho.
- GRAMSCI, A. (1971). *Prison Notebooks*, volume I, II, III, Nova Iorque, NY, Columbia University Press.
- JUSTINO, D. (coord.) (2024), *O Ensino em Portugal antes e depois do 25 de Abril*, vol. 1, Porto, Fundação Belmiro de Azevedo.
- LAHIRE, B. (2003), “Crenças colectivas e desigualdades culturais”. *Educação e Sociedade*, 24 (84), pp. 983-995.
- LEFEBVRE, H. (1974), *O Marxismo*, Lisboa, Círculo de Leitores.
- LEFEBVRE, H. (1991), *The Production of Space*, Hoboken, NJ, Blackwell Publishing.
- LEFEBVRE, H. (2012), *O Direito à Cidade*, Lisboa, Letra Livre.
- LUKÁCS, G. (1967), *History & Class Consciousness*, Londres, Merlin Press.
- MAGALHÃES, V.F. (2009), *Sobressalto e Espanto: Narrativas Literárias sobre e para a Infância no Neo-Realismo Português*, Lisboa, Campo da Comunicação.
- MARX, K. (1991 [1867]), *O Capital*, Lisboa, Edições Avante!.
- MARX, K. (2007 [1844]), *Economic and Philosophic Manuscripts of 1844*, Nova Iorque, NY, Dover Books.
- MARX, K., Engels, F. (2008 [1848]), *O Manifesto do Partido Comunista*, Lisboa, Padrões Culturais Editora.
- MILANOVIC, B. (2016), *Global Inequality: A New Approach for the Age of Globalization*, Cambridge, MA, Harvard University Press.
- MÓNICA, M.F. (1978), *Educação e Sociedade no Portugal de Salazar*, Lisboa, GIS e Editorial Presença.

- NEVES, J. (2010), *Comunismo e Nacionalismo em Portugal: Política, Cultura e História no Século XX*, Lisboa, Tinta-da-china.
- NUNES, A. S. (1964), “Portugal, sociedade dualista em evolução”. *Análise Social*, 2 (7-8), pp. 407-462.
- OECD. (2024), *Education at a Glance 2024*, Paris, OECD. <https://doi.org/10.1787/coocad36-en>.
- PARKIN, F. (2002), *Max Weber*, 2.ª ed., Londres, Routledge.
- PIKETTY, T. (2014), *Capital in the Twenty-First Century*, Cambridge, MA, Harvard University Press.
- PINA, Á. (1977), *Soeiro Pereira Gomes e o Futuro do Realismo em Portugal*, Lisboa, Caminho.
- QUEIRÓS, E. de. (2002 [1869]), *O Conde d’Abranhos*, Lisboa, Caminho.
- REIS, C. (1983), *O Discurso Ideológico do Neo-Realismo Português*, Coimbra, Almedina.
- TAVARES, I. (2024), *Escola e Desigualdades Sociais em Portugal: Reprodução Social e a (Im)pro-babilidade de “Fintar o Destino”*. Tese de doutoramento, Lisboa, ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa.
- TAVARES, I., CARMO, R. M. (2026). “Spatial and social inequalities among young people: Looking for ‘site effects’”. *Journal of Youth Studies*.
- VIÇOSO, V. (2011), *A Narrativa no Movimento Neo-Realista: As Vozes Socieiais e os Universos da Ficção*, Lisboa, Edições Colibri.
- WEBER, M. (1992 [1904]), *The Protestant Ethic and the Spirit of Capitalism*, Londres, Routledge.
- WESOLOWSKI, W. (1977), *Classes, Estratos e Poder*, Novo Curso Editores.
- WILLIAMS, R. (1973), *The Country and the City*, Oxford, Oxford University Press.

Recebido a 27-01-2025. Aceite para publicação a 10-02-2026.

TAVARES, I. (2026), “Uma leitura sociológica da obra de Soeiro Pereira Gomes: o lugar da escola, as mudanças urbanas, o presente e o futuro”. *Análise Social*, 259, LXI (2.º), e40013. <https://doi.org/10.31447/40013>.

Inês Tavares » inessantostavares@gmail.com » CIES Iscte – Instituto Universitário de Lisboa » Avenida das Forças Armadas, 40, Edifício 4, sala 125 — 1649-026 Lisboa, Portugal » <https://orcid.org/0000-0001-6551-4625>.
